

Pequenas Misses: filhas fantoche e mães figurantes¹

Caroline Matias SOUTO²

Laura Helena de Paula VALENTIM³

Patrícia Cardoso D'ABREU⁴

Victória Gomes ARAUJO⁵

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

O presente trabalho se propõe a realizar uma análise sobre o reality show “Pequenas Misses”. Busca-se compreender de que forma as relações de sexualização infantil e competitividade contribuem para a vitimação e vitimização de crianças. Além disso, interessa discutir as reproduções sócio-históricas de controle social das mulheres através das relações entre mães e filhas apresentadas. Para isso utiliza-se como metodologia a Análise de Conteúdo de Bardin (2021), por meio de uma temporada construída.

PALAVRAS-CHAVE: Reality show; Erotização infantil; Vitimização; Vitimação; Maternidades.

Introdução

Na sociedade contemporânea, podemos observar uma crescente exploração dos corpos de crianças e adolescentes, principalmente de meninas, em programas de televisão, como o *reality show* Pequenas Misses⁶. O programa acompanhou os bastidores de concursos de beleza infantil nos Estados Unidos. As competidoras tinham a rotina marcada pelo uso de unhas e cílios postiços, bronzamento artificial, maquiagens, fantasias, além de horas de ensaios e apresentações.

Pequenas Misses foi exibido originalmente, de 2009 a 2016, pelo canal de televisão Travel and Living Channel (TLC). Neste período, foram veiculadas ao todo

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho (Comunicação, infâncias e adolescências), evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

²Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo-UFES, email: carolmattias79@gmail.com

³Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo-UFES, email: hellenavalentim@gmail.com

⁴Orientadora do trabalho. Professora Titular da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e coordenadora do Grupo (GRÊMIO - Grupo de Observação Sobre as Mulheres na Mídia) e mail: patriciadabreu@gmail.com

⁵Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo-UFES, email: victoriagomaraujo@gmail.com

⁶Toddlers and Tiaras

nove temporadas, somando 118 episódios, com total de 85,96 horas. No Brasil, o *reality show* está disponível em três plataformas de streaming, o Discovery+, a Prime Video e a AppleTV+. Cada episódio, acompanha cerca de 3 ou 4 crianças que compartilhavam os preparativos para as competições. Através dessas competições é possível observar práticas de adultização e erotização em diversos contextos que vulnerabilizam as crianças. As mães, no concurso, muitas vezes apresentam-se como financiadoras e/ou *coaches* das próprias filhas, que sempre se encontram em uma postura ora desconfortável e constrangedora, ora desenvolta e extrovertida. A escolha deste objeto de investigação tem o objetivo de ampliar a compreensão sobre a estrutura de uma indústria que lucra com a adultização e vitimação de crianças e que expõe como algumas mulheres, quando mães, reproduzem os preceitos da sociedade patriarcal.

Pedofilização, vitimação infantil e o papel da maternidade

Segundo Beauvoir (2019), “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade” (p.11). Neste sentido, o sistema patriarcal, como ferramenta de dominação, utiliza definições que estabelecem de forma rígida lugares estanques para as mulheres. Ao mesmo tempo, a cultura machista, que objetifica as mulheres, condiciona o feminino à erotização. Isso ocorre desde a mais tenra idade e pode ser observado pela estetização dos corpos de crianças e adolescentes, em especial meninas e jovens mulheres, nas mais diversas mídias.

Esta prática, de acordo Izidro e Felipe (2018), pode ser discutida a partir do conceito de pedofilização, que se entende como o constante estímulo da erotização dos corpos infantojuvenis de forma naturalizada. Assim, as representações de meninas nestas mídias sofrem interferência das construções sociais e culturais da sociedade patriarcal. Em outro desdobramento, o termo é compreendido como um precedente do assédio e do abuso sexual: “uma vez que a pedofilização está calcada na erotização dos corpos infantis, podemos dizer que ela alimenta e alicerça esse processo, banalizando e naturalizando o assédio sexual” (Izidro; Felipe, 2018, p.26).

As violências que antecedem a prática social da pedofilização podem ser entendidas a partir dos estudos sobre vitimação de Azevedo e Guerra (2007). As

vitimações são as desigualdades sofridas por crianças e adolescentes, sejam essas relacionadas à distribuição de riquezas ou a qualquer tipo de violação de seus direitos humanos à vida, saúde, alimentação, educação, lazer, segurança e outros. São crianças cuja situação de desenvolvimento as tornam mais propensas a violência, desencadeadas pela desigualdade social (Azevedo, et al, 2007). Assim, a legitimação da erotização infanto-juvenil revela uma sociedade contemporânea marcada pela vitimação desses sujeitos.

Diferentemente da vitimação, a vitimização ocorre quando a vulnerabilidade de crianças e adolescentes é influenciada por diversos fatores, incluindo os abusos físicos, psicológicos e sexuais. O abuso pode assumir formas como negligência emocional, caracterizada pela ausência de afeto e interesse pelas necessidades da criança, ou rejeição afetiva, quando a criança é submetida a depreciação (Azevedo, et al, 2007). O termo “estado de sítio” é usado nesse caso porque a criança é coagida ao poder do adulto, que em suas ações pressiona uma criança para atender seus interesses, esses que ferem a integridade e os direitos humanos da criança.

Ao considerarmos as influências diretas que afetam o cuidado e a proteção da criança, as mães ocupam posição de destaque: a responsabilidade pela violação do cuidado ou proteção da criança é sempre delas. Essa imposição é opressora porque, apesar de a dinâmica entre mãe e criança ser múltipla e construída, os modos como a sociedade impõe que a mãe tem que se comportar está sempre atrelada ao um suposto instinto materno, ou seja, a uma naturalização (Badinter, 1985). Fidalgo (2000), aponta que “a condição de se tornar mãe faz com que as mulheres tenham o desejo de se adequar a modelos socialmente prescritos, o que faz deste acontecimento um lugar onde a reprodução social tem peso significativo” (p.179).

No microcosmo da família, cisgênero heterossexual, a relação triangular que a mãe ocupa é também uma relação focada na educação e na etiqueta social. Assim, as relações de maternidade tendem a ser reproduções de padrões socialmente aceitos para as mulheres: a mãe se ocupa em educar a filha frente às regras e normas de uma sociedade opressora com as mulheres. A maternidade como instinto feminino é um mito, porém as relações de maternidade que condicionam mulheres na conservação de opressões é uma construção histórico-cultural perpetuada por uma estrutura machista.

Nesse cenário, as filhas se tornam fantoches de mães que, apesar de ativas, atuam como figurantes do espetáculo midiático que reproduz opressões.

Metodologia e Análise

A metodologia da pesquisa consiste na análise de conteúdo de Bardin (2021), que compreende três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados por interpretação (Bardin, 2021, p.95). Pré-análise: escolha do corpus, definição da hipótese e dos objetivos e elaboração dos indicadores que fundamentam a interpretação. Inicia-se com uma “leitura” flutuante. Segue-se a demarcação do universo ou a constituição do corpus, o qual é o conjunto (não seletivo) considerado pertinente para ser submetido aos procedimentos analíticos, que deve ser submetido às regras da exaustividade (rigor na coleta), da representatividade (a qualidade heterogênea ou homogênea do objeto determina sua maior ou menor extensão, respectivamente), da homogeneidade (a regra da escolha deve ser a mesma para todos os elementos) e da pertinência (o corpus deve ser adequado ao que é proposto pela hipótese e visado pelos objetivos). Na formulação da hipótese, fazemos uma afirmação provisória que nos propomos a verificar. Os objetivos são o que queremos fazer com o resultado da investigação/pesquisa e como ela pode contribuir para a produção de conhecimento sobre os objetos empírico e/ou teórico e/ou para determinada demanda social. E a elaboração dos indicadores que fundamentam a interpretação, aqui, na pré-análise, é a constituição do quadro teórico de referência. Assim temos a preparação e exploração do material: é anterior à análise final e se refere ao que estamos chamando de “temporada construída”. Necessita de clareza na disponibilidade dos elementos do corpus, bem como deve descrever suas características principais e organizar as informações e dados que foram coletados. No nosso caso, faremos a análise lexical (Bardin, 2021, p.78) e icônica do corpus. Na análise lexical, apontaremos:

- a. Convenções vocabulares: total de palavras e total de palavras diferentes para verificar a riqueza ou pobreza do vocabulário;
- b. Classificação de palavras em plenas (portadoras de sentido) e instrumentais (funcionais);

- c. Possibilidades de comparação: discurso maternos de outras origens, discursos de outros personagens do reality;
- d. Repertório base para entender qual o sentido (cultural, psicológico, social) da “palavra da mãe” no reality.

Por fim, no tratamento dos resultados por interpretação, analisaremos o que foi investigado a partir da hipótese através da interpretação dos dados segundo o quadro conceitual. Desse modo, foram analisados um episódio de cada uma das sete temporadas, totalizando 306 minutos de material explorado. Por fim, foi realizado a investigação das hipóteses geradas na pré-análise, visando explorar as questões da erotização e vitimização de crianças, e quais as relações de maternidade representadas no programa que contribui para a lógica da repetição da estrutura patriarcal.

A análise baseou-se nos discursos de mães e filhas a fim de compreender melhor a dinâmica das relações maternas e os fatores estruturais que compõem o programa. Desse modo, observou-se a adultização e pedofilização dos corpos infantis como prática naturalizada nos episódios 1, 3 e 4. No primeiro episódio, a mãe da Story, a Alisson, trabalha o tema por meio da interferência estética. A mãe afirma as próprias contradições para que a filha se enquadre nos padrões femininos exigidos, os mesmos impostos pela sociedade patriarcal. O que podemos entender, de acordo com Fidalgo (2000) como a perpetuação de premissas atribuídas socialmente às mulheres devido aos padrões de gênero. A participante Halle expõe seu descontentamento ao ter que se bronzear (episódio 3), e Kayleigh mostra o desconforto ao exibir seu corpo (episódio 1) estas são situações que mostram como os “corpos infanto-juvenis são acionados de forma extremamente sedutora” (Felipe, 2006, p.216). Enquanto a mãe de Damitri’Ana, de 8 anos, surge como a figura que legitima e naturaliza o uso do figurino e movimentos erotizados ao dizer que: “É só um passo de dança. A filha é minha, eu que decido o que ela faz!”. Desse modo, pode-se observar as contradições apontadas por Felipe (2006), em que a sociedade busca leis de proteção ao abuso e violência sexual contra crianças, e, paralelamente, legítima a pedofilização como prática social.

Nos episódios 2, 5, e 7, podemos observar diversas manifestações de vitimização pelas crianças. Quando expressam desconforto físico, ao dizer “elas machucam minha pele, às vezes”, (Brooklyn, episódio 2), insegurança emocional ao

afirmarem “tenho medo de não ganhar”, (Mackenzie, episódio 5), e exaustão física ao relatarem “pratiquei tanto que vomitei”, (Landri, episódio 7). A violência contra crianças nem sempre se manifesta mediante atos diretos de violência, mas muitas vezes é caracterizada por uma interação complexa de fatores resultando em um ambiente de insegurança física, emocional ou psicológica (Azevedo, et al, 2007). Nos episódios 2, e 6 podemos observar uma dedicação extrema das mães que também se torna uma intimidação às filhas a estarem ou se portarem de certo modo no concurso. Quando Lauren diz, (episódio 6), “vai logo desfilar”, ou Brandy diz, (episódio 2) “ela sabe que terá que usar roupas incômodas e não pode chorar para ser Miss América”. Estas relações nos mostram ambiguidade da dinâmica entre mães e filhas e as reproduções de supostos valores do que é ser mulher na sociedade.

Considerações Finais

A análise do *reality show* Pequenas Misses nos possibilitou observar as relações presentes no microcosmo de mães e filhas em desfiles de beleza. Assim, foi possível compreender a intrincada rede de reproduções de parâmetros socialmente vistos como correto para as mulheres. O programa mostra um ambiente controlado e sistematizado por dezenas de adultos no qual as meninas são alvo da reprodução das opressões do feminino. Colocadas em um espaço de vulnerabilidade com o qual não estão preparadas emocionalmente para lidar, essas meninas se transformam em entretenimento pelo constrangimento ao qual são submetidos seus corpos. Assim, a violência dos processos de vitimação e vitimização se apresentam na exploração da teatralidade e consumo dos corpos dessas crianças. Reforçando a vulnerabilidade e “estado de sítio” em que se encontram, com pouca ou nenhuma autonomia sobre si, ou a situação que estão.

Sobre o papel das mães, foi observada uma exaustiva devoção em treinar, vestir, preparar, ensaiar e moldar as filhas para uma equipe de jurados, em um processo que gera ansiedade, cansaço e angústia para as crianças. Assim, as cobranças por padrões estéticos vistas como desmedidas para crianças tão pequenas torna-se sinônimo de excelência para as mães: nos padrões de maternidade determinados socialmente, o comportamento dessas mães é, simultaneamente, validado como positivo e negativo. O valor positivo é explícito, uma vez que a erotização e a ideia do “sucesso” que

almejam para as meninas não apenas se articulam à ideologia neoliberal como também reforçam os valores patriarcais. Já o valor negativo se dá porque, se vista como exploração, essa ideia de “sucesso” é culpa exclusiva das mães. Aqui tanto mães como filhas são vítimas de um sistema opressor às mulheres que necessita de desta dinâmica para a preservação.

Referências

AZEVEDO, M. A., GUERRA, V. N (Org). **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. 2. ed. São Paulo: Iglu, 2000.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

FELIPE, Jane. **Erotização dos corpos infantis**. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2018.

FELIPE, J.. **Afinal, quem é mesmo pedófilo?**. *Cadernos Pagu*, n. 26, p. 201–223, jan. 2006.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. **Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. Pro-posições**, v. 14, n. 3, p. 119-130, 2003.

FIDALGO, Lurdes dos Anjos. **(Re)Construir a maternidade numa perspectiva discursiva**. Porto: Edição do Autor. 2000. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/64564>

IZIDRO, Lucio; FELIPE, Jane. **O que precisamos saber sobre pedofilia e pedofilização: aspectos médicos, jurídicos e culturais**. In: SÁ-SILVA, Jackson Ronie; SANTOS, Marcos Eduardo Miranda; SILVA, Yuri Jorge Almeida da. (org.). **A discussão da pedofilia no campo da Educação – São Leopoldo: Oikos**, p. 23 - 40. 2018.

PEQUENA Misses. Estados Unidos: Discovery Plus Real Stories, 2024.